INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ - ICESPI

JOÃO DE DEUS SOUSA

UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA SOCIEDADE: UM ESTUDO DA OBRA "PEDAGOGIA DO OPRIMIDO" DE PAULO FREIRE E "SOCIEDADE SEM ESCOLAS" DE IVAN ILLICH.

Trabalho de Conclusão de curso - ICESPI - Trabalhos Monográficos Filosofia - Monografias Academicas

Cod 1172
C100
S725n

ICESPI - Biblioteca
9569 | 15/04/2013

TERESINA

2012

JOÃO DE DEUS SOUSA

UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA SOCIEDADE: UM ESTUDO DA OBRA "PEDAGOGIA DO OPRIMIDO" DE PAULO FREIRE E "SOCIEDADE SEM ESCOLAS" DE IVAN ILLICH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI, para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob orientação da professora Msc. Elenir Cardoso Figueiredo.

TERESINA

2012

JOÃO DE DEUS SOUSA

UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA SOCIEDADE: UM ESTUDO DA OBRA "PEDAGOGIA DO OPRIMIDO" DE PAULO FREIRE E "SOCIEDADE SEM ESCOLAS" DE IVAN ILLICH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob orientação da professora Msc. Elenir Cardoso Figueiredo.

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ - ICESPI

Licenciatura em Filosofia

Conceito 10,0

Data da aprovação: 06 de dezembro de 2012

Elenir Cardoso Figueiredo

Professora Msc. Elenir Cardoso Figueiredo.
Orientadora

Ana Beatriz Martins dos Santos Seraine

Professora Dra. Ana Beatriz Martins dos Santos Seraine
examinadora

Professor Msc. Eudóxio Soares Lima Verde
examinador

A meus pais (Pedro Manoel e Maria Ivone), minhas irmãs (Geovana e Geane), sobrinho (Maicon Felipe), a minha avó Isabel e a meus professores e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, à minha família, na pessoa dos meus pais (Pedro Manoel de Sousa e Maria Ivone de Sousa Santos), à Diocese de Picos, na pessoa do Sr. Bispo Diocesano Dom Plínio José Luz da Silva, aos "Amigos do Seminário" e aos meus professores e amigos pela orientação competente, e pelos estímulos constantes ao longo desta caminhada. Em especial às professoras: Elenir Cardoso Figueiredo, Ana Beatriz Martins dos Santos Seraine, Ilza Bezerra e Rosa Guimarães, pela disposição e orientação.

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." *(Paulo Freire, 1987)*

RESUMO

A influência da educação na sociedade é um dos temas mais questionados em nossos dias, ao ponto de alguns autores como Paulo Freire e Ivan Illich lançarem diversas críticas ao sistema escolar e à própria educação, propondo caminhos diferentes de como utilizar da melhor maneira esse instrumento eficaz para cada dia construir uma sociedade justa, fraterna e embasada no diálogo e no convívio cultivando o respeito mútuo. Esta pesquisa, precedida pelos pressupostos político-filosóficos que se fazem presente nas tendências redentora, reprodutora e transformadora da sociedade, tem por objetivo principal, mostrar o pensamento de Paulo Freire e Ivan Illich, que apesar de criticarem a educação tradicional e formal, propõem caminhos diferentes para a produção de uma educação libertadora. Nessa perspectiva, este estudo foi fundamentado nas obras: "Pedagogia do Oprimido" (1987) de Paulo Freire e "Sociedade sem escolas" (1973) de Ivan Illich, percebendo nelas, influências para construção de uma educação libertadora; caracterizar a proximidade entre o pensamento dos referidos autores, sobre a educação para a formação e libertação da pessoa; demonstrar as razões que levaram Paulo Freire e Ivan Illich a proporem uma nova educação para uma nova sociedade; identificar a contribuição dos seus métodos na construção de uma educação libertária e a proposta de uma nova educação para uma nova sociedade. Após esta pesquisa, pôde-se tirar a conclusão de que a educação é a base fundamental na vida das pessoas e, que por meio dela pode-se chegar a uma sociedade cada vez melhor. Desde que a mesma esteja voltada para a formação da pessoa, em que o foco central seja o aprendizado em si, e não a usualidade desse aprendizado limitando-o ao campo do trabalho, ou favorecendo o domínio de poucos sobre a sociedade.

Palavras - chave: Educação. Sociedade. Desescolarização. Educação Libertária.

ABSTRACT

The influence of education in society is one of the most questioned in our time, to the point that some authors like Paulo Freire and Ivan Illich launch several criticisms of the school system and the education itself, proposing different ways of how to make best use of this effective tool each day to build a honest and fraternal society, based on dialogue and conviviality cultivating mutual respect. This research, preceded by political-philosophic assumptions that are found in this redemptive, reproductive and transformative trends of society has as main objective to show the thought of Paulo Freire and Ivan Illich, who despite criticizing the traditional and formal education, propose different ways for the production of a liberating education. In this perspective, this study was based in the works: "Pedagogy of the Oppressed" (1987) written by Paulo Freire and "Society without schools" (1973) by Ivan Illich, realizing their influences to construction of a liberating education; characterize the closeness between the thinking of the authors on education and the formation for the release of the person, demonstrate the reasons by which Paulo Freire and Illich have proposed a new education for a new society, identify the contribution of the method of them in the building of a libertarian education and the hint of a new education for a new society. After this research, we could draw the conclusion that education is fundamental to people's lives, and through it you can get to living in a society increasingly better, since it faces the formation of the person wherein the central focus is the learning itself, and not merely usufulness this learning to the field of work, or favoring the dominance of a few on society.

***Keywords**: education. Society. "unschooling". liberating education.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO----------09

CAPÍTULO I: A EDUCAÇÃO E AS TENDÊNCIAS REDENTORA, REPRODUTORA E TRANSFORMADORA DA SOCIEDADE---------- 15

CAPÍTULO II: FREIRE E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: PROPOSTAS DE UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA SOCIEDADE----------23

CAPÍTULO III: IVAN ILLICH E A SOCIEDADE SEM ESCOLAS: PROPOSTAS DE UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA SOCIEDADE----------36

CONCLUSÃO----------50

REFERÊNCIAS----------52

INTRODUÇÃO

Pensar a educação em favor da sociedade é de grande relevância, sabendo que é possível compreender as suas concepções. Sobretudo quando se tem o desejo de preparar bem o aluno, como um todo, levando em consideração todas as fases e dimensões da vida, como também a sua história e sua vivência familiar. Isso se faz necessário para que os alunos possam se tornar protagonistas da sua história e da sua vida, conquistando assim, liberdade e buscando cada vez mais, espaço na sociedade para expressarem suas ideias, contribuindo na formação de uma sociedade menos desigual.

Tendo em vista as inúmeras discussões a respeito da educação para a sociedade e seus problemas, essa pesquisa será desenvolvida em torno da proposta de uma nova educação para uma nova sociedade, a partir do estudo da obra "Pedagogia do Oprimido" (1987) de Paulo Freire[1] e "Sociedade sem Escolas"

---

[1] Paulo Reglus Neves Freire, educador brasileiro, nasceu no dia 19 de setembro de 1921, em Recife-PE. Por seu empenho em ensinar aos mais pobres, tornou-se uma inspiração para gerações de professores, especialmente na América Latina e na África. Pelo mesmo motivo, sofreu a perseguição do regime militar no Brasil (1964-1985), sendo preso e forçado ao exílio.

O educador apresentou uma síntese inovadora das mais importantes correntes do pensamento filosófico de sua época, como o existencialismo cristão, a fenomenologia, a dialética hegeliana e o materialismo histórico. Essa visão foi aliada ao talento como escritor que o ajudou a conquistar um amplo público de pedagogos, cientistas sociais, teólogos e militantes políticos.

A partir de suas primeiras experiências no Rio Grande do Norte, em 1963, quando ensinou 300 adultos a ler e a escrever em 45 dias, Paulo Freire desenvolveu um método inovador de alfabetização, adotado primeiramente em Pernambuco.

A carreira de Paulo Freire no Brasil foi interrompida pelo golpe militar de 31 de março de 1964. Acusado de subversão, passou 72 dias na prisão e, em seguida, partiu para o exílio. No Chile, trabalhou por cinco anos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA). Nesse período, escreveu o seu principal livro: Pedagogia do Oprimido (1968). Em 1969, lecionou na Universidade de Harvard (Estados Unidos), e, na década de 1970, foi consultor do Conselho Mundial das Igrejas (CMI), em Genebra (Suíça). Nesse período, deu consultoria educacional a governos de países pobres, a maioria no continente africano, que viviam na época um processo de independência.

No final de 1971, Paulo Freire fez sua primeira visita a Zâmbia e Tanzânia. Em seguida, passou a ter uma participação mais significativa na educação de Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. E também influenciou as experiências de Angola e Moçambique.

(1973) de Ivan Illich[2]. O pensamento de Paulo Freire e Ivan Illich objetiva a reflexão sobre os diferentes modelos na forma de educar e formar cidadãos críticos e participantes dos mais diversos processos sociopolíticos e educacionais que garanta vida digna e igualitária para todos.

Os problemas sociopolíticos e ético-religiosos têm sua causa advinda de uma educação que é reprodutora de diferentes princípios ou valores: econômicos, éticos, religiosos, culturais etc. Na sociedade capitalista, vê-se a discrepância entre o ideal e o real, e logo se pode perguntar: Onde está a dignidade e os direitos da pessoa humana, assegurados na Constituição Federal de 1988? Como ajudar o povo

---

Em 1980, depois de 16 anos de exílio, Paulo Freire retornou ao Brasil, onde escreveu dois livros tidos como fundamentais em sua obra: Pedagogia da Esperança (1992) e À Sombra desta Mangueira (1995). Outras obras: Educação como prática da liberdade 1967; Pedagogia do oprimido, 1970; Extensão ou comunicação?,1971; Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 1976; Cartas à Guiné-Bissau. Registros de uma experiência em processo. 1977; Educação e mudança. 1979; A importância do ato de ler em três artigos que se completam. Lecionou na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Em 1989, foi secretário de Educação no Município de São Paulo, sob a prefeitura de Luíza Erundina.

Freire teve cinco filhos com a professora primária Elza Maia Costa Oliveira. Após a morte de sua primeira mulher, casou-se com uma ex-aluna, Ana Maria Araújo Freire. Com ela viveu até morrer, vítima de infarto, em São Paulo no dia 2 de maio de 1997, aos 76 anos de idade, em plena atividade de educador e de pensador.

Doutor Honoris Causa por 27 universidades, Freire recebeu prêmios como: Educação para a Paz (das Nações Unidas, 1986) e Educador dos Continentes (da Organização dos Estados Americanos, 1992).

Disponivel em: http:// pensador.uol.com.br/autor/paulo_freire/biografia/. Acesso em 20 Jan. 2013.

[2] Ivan Illich nasceu em Viena em 1926 e faleceu em Bremen - Alemanha no dia 02 de dezembro de 2002. Estudou física em Florença, filosofia e teologia em Roma e doutoramento em História em Salzburgo. Durante a infância e juventude conviveu com o círculo de nobres russos que se refugiaram na capital italiana fugindo da Revolução Comunista de 1917. Entrou para o seminário em 1951, em Roma, onde se ordenou sacerdote. O Cardeal Spellman, arcebispo de New Yorque, convidou-o para seu auxiliar. Por ser fluente em dez línguas, Illich tornou-se intérprete do Cardeal e teve como função preparar sacerdotes e religiosas para a comunidade hispano-americana.

Em 1960, Ivan Illich mudou-se para o México, onde criou o Centro Intercultural de Formação (CIF), com o objetivo de sensibilizar missionários para trabalhar na América Latina. Na década de 1970 foi cofundador do Centro de Informação e Documentação (CIDOC), espécie de universidade aberta, especialmente voltada para os problemas da educação e independência cultural do Terceiro Mundo, sobretudo da América Latina.

A partir de 1980, dividiu o seu tempo entre o México, os Estados Unidos e a Alemanha. Nos últimos anos de sua vida, Illich foi professor convidado de filosofia, de ciência, tecnologia e sociedade no estado da Pensilvânia, sendo também docente na Universidade de Bremen onde faleceu. É autor de várias obras, das quais algumas traduzidas em 25 línguas. Nos seus numerosos escritos, contesta muitas das suas instituições e estruturas sociais existentes. Dentre os seus inúmeros trabalhos dedicados à escola, destacamos: Sociedade sem escolas (1973); Educação sem escola? (1974), onde desenvolve o tema da desescolarização.

Para além dos livros, também escreveu vários artigos, em diferentes países, para revistas muito conceituadas, como: The NY Review; Le Monde; The Guardion; Temps Modernes; The Saturday Review.

Disponível em: http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/illich/ acesso em 20 Jan. 2013.

oprimido a reconhecer a sua autonomia, e assim, não se calar diante de certas situações, que inflige à dignidade humana?

Paulo Freire e Ivan Illich fazem uma crítica à escola tradicional presente na sociedade capitalista. Um defende a mudança no método ou pedagogia de ensino-aprendizagem, enquanto o outro propõe a ausência da escola. Ambos têm uma linha de pensamento semelhante até certo ponto, quando criticam o modelo educacional capitalista, e propõem estratégias para enfrentar o modelo de educação presente na referida sociedade, ou seja, uma educação libertária que ensine o aluno a pensar e a questionar o mundo em que vive.

No tocante ao trabalho, pretende-se mostrar a importância do pensamento de Paulo Freire e Ivan Illich, na crítica à educação e a metodologia tradicional, que domestica as pessoas; depois refletir sobre seus pensamentos e suas propostas para solucionar os problemas oriundos da forma tradicional que tem a educação, o ensino e o sistema escolar.

Ao propor uma nova educação para uma nova sociedade, Freire e Illich têm o desejo de contribuir e lutar pela libertação do oprimido seja na própria escola ou na própria sociedade, que rotula, exclui e domina, não só o pensamento, mas também a própria pessoa.

Ao escrever esse trabalho, busca-se compreender o pensamento dos autores citados, que além de serem contemporâneos, viveram em um período turbulento, mesmo que em lugares e realidades distintas, e compartilharam dos mesmos ideais, e propuseram mudanças no sistema educacional, para o bem da sociedade.

Paulo Freire e Ivan Illich criticam o papel da escola e da educação tradicional na sociedade, que em vez de ajudar o educando a libertar-se, a compreender o seu estar no mundo, fazer parte dele e transformá-lo, acaba por limitar o seu pensamento, "castrando" a sua liberdade, fazendo-o oprimido, obediente ao sistema dominador e capitalista, tábua rasa, receptor de conhecimentos prontos e acabados.

Faz-se necessário também, demonstrar o ponto central do pensamento de Freire e Illich, quando o assunto é educação, sociedade, liberdade, gente. Ainda mais, pessoa humana que vive em condições precárias na sociedade, que têm fome e sede material, mas também de liberdade, de conhecer, de aprender a ser, a fazer, e a conviver.

Portanto, descobrir caminhos e meios que orientem para formação de uma nova sociedade, em que não haja senhores, nem escravos, nem senhor e nem

servo. Nesta nova sociedade, todos vivem na igualdade e no respeito mútuo, valorizando as coisas simples da vida e a pessoa pelo que ela é, e não pelo que tem ou pelo cargo que ocupa. Assim, Freire e Illich orientam seu pensamento nesse sentido, buscando descobrir caminhos eficazes para a conquista de tal mudança.

O presente trabalho tem como objetivo geral, mostrar o pensamento de Paulo Freire e Ivan Illich, que apesar de criticarem a educação tradicional e formal, propõem caminhos diferentes para a produção de uma educação libertadora. O primeiro enfatizando o valor da escolarização, e o segundo, o valor da desescolarização. Em ambos, observa-se o desejo de que haja por parte do educando, um reconhecimento de si como ser pensante, em uma constante busca por liberdade, onde nesse processo educativo se faça presente uma educação problematizadora, dialógica e emancipatória. Além do mais, deseja: apresentar a principal obra de Paulo Freire e Ivan Illich, percebendo nela suas influências para a construção de uma educação libertadora; caracterizar a proximidade entre o pensamento dos autores citados, sobre a educação para a formação e libertação da pessoa; demonstrar as razões que levou Paulo Freire e Ivan Illich a propor uma nova educação, para uma nova sociedade; identificar a contribuição do método de Freire e Illich na construção de uma educação libertária.

Estudar o pensamento de Paulo Freire e Ivan Illich é fundamental. Sobretudo, no que diz respeito a uma educação como um novo método de ensino, baseado na inclusão do educando em seu próprio mundo e na sociedade em que vive. Evidencia-se que são influenciados a sair de um mundo limitado, sem oportunidades e sem sonhos de mudanças, para um novo meio, capazes de dirigir seus pensamentos. Isso, para que o indivíduo seja dono de si mesmo e saiba expressar suas ideias, usar da criticidade e ser o sujeito da sua autonomia, acabando assim, as diversas maneiras e formas de dominação existentes na sociedade ainda hoje. Entra, também nesse contexto, a ideia de uma nova escola, tendo como foco principal o educando elemento principal nesse processo de ensino.

O pensamento de Paulo Freire e Ivan Illich traz à educação, novos métodos que se colocados em prática possibilita a compreensão de uma determinada coisa a partir da realidade convivial. Para tal, encontra-se nesse contexto, a vida e a história social e familiar do aluno.

Com isso, a partir da contribuição teórica de Freire (1987), Illich (1973) e Luckesi (1994) dentre outros autores como Brandão (2008), Aranha (2006), Saviani

(2000), Trevisan (2000) etc., pode-se perceber a importância da educação emancipatória, que possibilite uma sociedade com menos desigualdades e exclusão social; a percepção do homem como agente histórico capaz de mudar a vida social numa perspectiva mais inclusiva. Uma vez entendendo-a como um processo contínuo dentro dos seus limites, pode ser que transformem a concepção de educação, e que ela seja promotora da vida e do futuro dos estudantes.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, precedida pelos pressupostos político-filosóficos que se fazem presentes nas tendências redentora, reprodutora e transformadora da sociedade, serão observados três momentos: Num primeiro momento, será feito um estudo sobre as tendências redentora, reprodutora e transformadora da sociedade, elencando as críticas ao sistema educacional vigente, destacando o pensamento de alguns estudiosos sobre a visão e a utilidade educacional, e estabelece uma relação entre a educação e a sociedade.

Em um segundo momento, será desenvolvido o pensamento de Freire no que se refere à compreensão de educação como prática de liberdade, seu método, e assim, o eixo de sua proposta de uma nova educação para uma nova sociedade.

Num terceiro momento, será feita uma reflexão mais apurada sobre o argumento de Illich contido em sua obra "Sociedade sem escolas", de propor uma sociedade sem escolas, observando suas críticas à educação e também as suas propostas, que são baseadas no diálogo, na troca de experiências, onde o educando, que é o mais importante, se faz parte do processo educativo, deixando de ser mero objeto, indo à escola receber conhecimento, decorar e abstrair um conhecimento que já está pronto e acabado.

A educação é muito mais que abstrair conhecimento para um fim determinado. A mesma está a serviço do aluno, atendendo as suas necessidades, levando-o de uma forma dinâmica, a compreender sua existência no mundo, e assim fazer do seu estar no mundo, objeto de estudo e sua principal fonte inspiradora por buscar conhecimento. Assim, Illich deseja que se coloque em prática, um conhecimento desinteressado, humilde que ajude quem o busca em todos os aspectos da sua vida: ético, moral, social, intelectual, etc.

Sendo assim, será apresentada uma visão de educação, de escola e de sociedade dos autores citados e suas propostas metodológicas para que aconteça uma educação que seja acessível a todos, compreendendo assim, a mudança na

educação a partir da criação dos Círculos de Cultura (Paulo Freire) e das redes de conviviabilidade ou redes pedagógicas (Ivan Illich).

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO E AS TENDÊNCIAS REDENTORA, REPRODUTORA E TRANSFORMADORA DA SOCIEDADE.

Discute-se com frequência a respeito das mudanças e dos rumos da educação em nosso tempo, e pelo valor que a sociedade como um todo dá a educação, pode-se perceber que o que aqui é colocado como objeto de estudo faz a diferença na vida de uma pessoa, tendo em vista que é por meio do processo educativo que acontece a grande descoberta do "eu" como indivíduo diferente do outro, e como membro de uma sociedade. Reconhecendo-se dessa forma o homem que luta por seus ideais e se assume como responsável pela maioria das coisas que acontecem na sociedade, percebendo que essas coisas, também influenciam em sua vida.

> Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 2008, p. 7).

Pode-se constatar por essa afirmação que educação está além do ambiente escolar, pois ela ocorre em todos os lugares, onde seja possível a relação entre as pessoas. E se as pessoas são seres sociáveis estão sempre aprendendo ou ensinando algo. Por sua vez, a educação contribui para o desenvolvimento das habilidades que tendem para o conhecimento e para as práticas de atividades diárias. Portanto, é um processo que se manifesta como instrumento de manutenção ou transformação da sociedade.

> A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem; porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque para serem mulheres e homens precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haverá porque falar em educação. (FREIRE, 2000, p. 40).

Um dos principais sentidos para a educação é a necessidade de seu uso e aperfeiçoamento nas mais diversas fases da vida, como também nos mais variados tipos de conhecimentos inatos ou adquiridos. Segundo Luckesi, a educação se faz presente em todos os momentos ou dimensões da vida. A educação, portanto,

> É um típico "que-fazer" humano, ou seja, um tipo de atividade que se caracteriza fundamentalmente por uma preocupação, por uma finalidade a ser atingida. A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesmo, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social (LUCKESI, 2001, p. 30).

A educação tem suas qualidades insubstituíveis, tendo em vista que se faz presente no meio da sociedade, trazendo benefícios desde os tempos remotos. Ela acontece de várias formas e pode ser caracterizada pela formalidade e pela informalidade de sua transmissão. Informalmente o processo educacional está presente e se faz, no cotidiano das pessoas e em suas relações com as demais.

Sendo uma ação cotidiana e informal que se refere à troca de experiência e à vivência de valores da sociedade ou de um grupo social, "[...] a educação informal caracteriza-se por não ser intencional ou organizada, mas casual e empírica, exercida a partir das vivências, de modo espontâneo" (ARANHA, 2006, p.94).

Por sua vez, a educação formal, acontece de forma organizada, planejada, com regras e dentro de uma instituição escolar, "[...] é oficial e deve cumprir exigências legais" (ARANHA, 2006, p.94). A educação formal, escolar, está do lado da sociedade dominante e, por isso é uma forma de reproduzir os interesses da classe que a organiza e a mantém.

É a partir do desejo de obter uma educação que contribua de forma positiva para a transformação social, que muitos estudiosos e educadores, tomaram

consciência buscando, de diversas maneiras, meios para enfrentar os problemas do sistema educacional.

Segundo Saviani (2000, p. 9) para melhor entender os grandes desafios educacionais e a partir de um estudo sistemático dos mesmos, pode-se fazer uso da filosofia da educação, propiciando uma reflexão sobre os problemas que surgem na definição e também suas funções, tendo em vista que "[...] toda educação deve ter uma orientação filosófica" (SAVIANI, 2000, p. 9).

A filosofia, como questionamento, é um dos instrumentos que devem ser utilizados na descoberta de uma educação ideal, que se moldem padrões que estejam de acordo com a necessidade da sociedade na qual se desenvolverá tal pensamento. Contudo, "ao desafio da realidade, representado pelo problema, o homem responde com a reflexão" (SAVIANI, 2000, p. 16). Para isso, faz-se necessário entender o sentido da reflexão, pois é a partir da mesma, que se reconhece, avalia e busca-se uma solução para os problemas.

Segundo Saviani, "refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar uma busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E isto é filosofar" (SAVIANI, 2000, p. 16).

Fazendo o uso da reflexão, pode-se chegar aos objetivos almejados. Para a educação, Saviani elenca alguns objetivos gerais, que devem ser analisados, refletidos e colocados em prática por todos aqueles que desejam uma educação de qualidade. Para o autor, a educação deve existir: "para a subsistência, para a libertação, para a comunicação e para a transformação" (SAVIANI, 2000, p. 48).

A educação deve ser vista sob vários ângulos, e os mais variados aspectos, e para os mais variados objetivos. Assim, a escola tem um papel na sociedade que deve ser colocado em prática corretamente, sob o risco de se voltar totalmente contra aquilo que pretende produzir ou realizar no aluno. A esse respeito, declara Santos:

> [...] é importante que a escola desenvolva em seus alunos habilidades de pensamento crítico, incluindo a capacidade de analisar e solucionar problemas. Seria ainda de fundamental importância que, nessa escola, fossem formados valores sociais relacionados ao homem e à natureza, valores que orientassem os jovens no sentido do respeito à vida humana e às diferenças culturais (SANTOS, 1997, p. 26).

Uma educação voltada, não somente para a preparação para o mercado de trabalho, mas para a vivência na e com a sociedade. De maneira que essa vivência possa contribuir para a autoformação e para ser colocado em prática tudo aquilo que se aprendeu em sala de aula. Paviani ainda diz que:

> A percepção e a transformação da realidade, o modo de pensar, agir e sentir a realidade enquanto processo fundamental das relações sociais se identifica perfeitamente como processo educacional. Isto significa que a educação, antes de ser uma atividade formal e profissional, em outras palavras, algo distinto da realidade, algo justaposto à realidade, constitui-se com ela um único fenômeno (PAVIANI 1986, p. 41).

Para que haja uma verdadeira transformação da realidade socioeducacional e do modo de pensar, de agir e de sentir a realidade, é importante ter presente as tendências filosóficas que fundamentam a ação educativa. Desse modo, haverá um bom entendimento das finalidades da educação, dos tipos de indivíduos que se deseja formar, do relacionamento pedagógico e também é possível refletir filosoficamente sobre o papel da educação na formação do indivíduo e na construção de uma nova sociedade.

Além disso, a educação dentre suas mais diversas finalidades, preza pelo descobrimento do sentido do existir humano na própria história, de lutas e conquistas que podem ser compreendidas a partir dos resultados que foram alcançados ao longo dos anos de aprendizagem, se colocada em prática de maneira correta. E não existe outra maneira melhor do que fazendo uso da própria filosofia, como forma de encontrar resposta para as mais diversas indagações, que levam o educando a penetrar no mais íntimo do seu ser, indo ao encontro dos anseios mais profundos de sua própria vida ou existência.

> O nosso exercício de filosofar será um esforço de inventário, crítica e reconstrução de conceitos, auxiliados pelos pensadores que nos antecederam. Eles têm uma contribuição a nos oferecer, para nos auxiliar em nosso trabalho de construir nosso entendimento filosófico do mundo e da ação (LUCKESI, 1994, p. 30).

Cabe ainda frisar que a filosofia está presente na vida das pessoas, em seu cotidiano e tem um significado muito importante, na descoberta do eu - pensante, que faz o educando descobrir um sentido para a sua existência. É em busca desse

ICESP - Biblioteca
9569 | 15/04/2013

sentido, que a educação é concebida sob diversas maneiras e com vários objetivos ou significados. Por isso, pode-se fazer um estudo das tendências filosóficas da educação.

Luckesi utilizou o sentido da educação como redenção, reprodução e transformação da sociedade, afirmando que essas tendências são:

> Filosófico-políticas para compreender a Educação que se constituíram ao longo da prática educacional. Filosóficas, porque compreendem o seu sentido; e políticas, porque constituem um direcionamento para sua ação (LUCKESI, 1994, p. 37).

Faz-se necessário um conhecimento profundo da sociedade, ou daquilo que mais pode influenciá-la na construção de um pensamento crítico-social e filosófico tendo em vista o amadurecimento e o crescimento do povo que às vezes, já se encontra sem esperança frente às concepções errôneas que se tem da educação.

Ainda segundo Luckesi (1994), a educação está cheia de sentido, significados, conceitos, valores e finalidades. E, portanto, seria fundamental descobrir qual a finalidade da educação para a sociedade, ou dentro da sociedade. Com esse intuito, o filósofo mostra uma compreensão da educação e do seu direcionamento, como sendo ela, redentora, reprodutora e transformadora da sociedade.

Com relação à primeira tendência, a redentora, é possível afirmar, segundo Luckesi que a mesma:

> Concebe a educação como um conjunto de seres humanos que vivem e sobrevivem num todo orgânico e harmonioso, com desvios de grupos e indivíduos que ficam à margem desse todo [...] O que importa é integrar em sua estrutura tanto os novos elementos (novas gerações), quanto os que, por qualquer motivo, se encontram à sua margem (LUCKESI, 1994, p. 38).

Do ponto de vista temático, a educação é considerada um organismo que está fora e é superior à sociedade; ela auxilia na formação da personalidade do educando e lhe dá capacidade para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas habilidades, como também faz com que haja uma interrelação dos indivíduos na sociedade. Saviani diz que a educação "deve reforçar os laços sociais, promover a coesão social e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social" (SAVIANI apud LUCKESI 1994, p. 38).

Portanto, a educação, nesse aspecto, se preocupa com a formação da personalidade do indivíduo, com o desenvolvimento de suas habilidades, e cultivo dos valores necessários para a convivência no grupo social ao qual se integram os indivíduos harmoniosamente, contribuindo de forma ordenada e equilibrada para a formação de uma nova sociedade.

> A educação terá a força de redimir a sociedade se intervir seus esforços nas gerações novas, formando suas mentes e dirigindo suas ações a partir dos ensinamentos, Deste modo, elas estarão sendo adaptadas ao ideal de sociedade através da educação (LUCKESI, 1994, p.40).

A educação, sob esse aspecto, procura conservar a sociedade fazendo com que haja uma adaptação dos indivíduos ao todo social. Segundo Luckesi (1994), em vez de a educação receber influência da sociedade, acontece o contrário: a educação interfere nas relações e decisões e até na formação de opiniões, ajudando a sociedade a se libertar dos seus problemas. Ela é, assim, capaz de resolver os problemas da sociedade, mesmo que a sua relação com a mesma, seja considerada um tanto ingênua.

Para melhor compreender essa relação, Luckesi mostra que:

> Um exemplo típico dessa concepção de educação como redentora da sociedade, está em Comênio [...] parte da compreensão de que o mundo foi criado bom e harmônico por Deus. Pela desobediência o ser humano (nas figuras de Adão e Eva) introduziu o desequilíbrio, o pecado! Deus mandou Jesus Cristo para trazer a salvação para os seres humanos e oferecer-lhes a oportunidade de retornar ao equilíbrio e à harmonia (LUCKESI, 1994, p. 39).

Luckesi, 1994, menciona Comênio, porque o tal, apresenta a educação como sendo o meio pelo qual a sociedade ganhará nova cara, será redimida; e isso a partir de um investimento nas gerações novas, trabalhando para uma boa educação que venha a contribuir para o desenvolvimento do pensamento e a partir daí dirigir as suas ações que foram modeladas a partir do que foi ensinado. A educação, portanto, é parte da sociedade e de certa forma, age positivamente ou negativamente. Mas a mesma contribui para o ordenamento e equilíbrio permanente e faz com que o indivíduo se sinta bem e se adapte à sociedade, que de certa forma, juntamente com sua humanidade encontra-se protegida, apesar de apresentar certos desequilíbrios.

Portanto esta primeira tendência propõe uma ação pedagógica otimista, do ponto de vista político, e acredita que a educação tem poderes sobre a sociedade.

A segunda tendência chamada reprodutora, diz que a educação faz parte e reproduz a sociedade. Dessa forma, a educação faz-se presente na sociedade e está exclusivamente ao seu serviço. Uma vez reprodutora, ela passa a depender do que se passa na sociedade, sob os mais diversos aspectos, sejam econômicos ou socioeducacionais. A educação está assim, totalmente à disposição da sociedade e também dos seus condicionantes econômicos, sociais e também políticos. A tendência reprodutora, segundo Luckesi afirma que:

> A educação faz, integralmente, parte da sociedade e a reproduz. [...] aborda a educação como uma instância dentro da sociedade e exclusivamente ao seu serviço. Não a redime de suas mazelas, mas reproduz no seu modelo vigente, perpetuando-a se for possível (LUCKESI, 1994, p. 41).

Percebe-se, portanto, que Luckesi (1994), diz que a tendência reprodutivista é crítica, e ao mesmo tempo pessimista, quando se está em questão o papel da educação na sociedade. Implica em entendê-la como um elemento da própria sociedade determinada pelos seus condicionantes econômicos, políticos e sociais, portanto a serviço dessa mesma sociedade e de seus condicionantes.

O papel da escola deve focalizar, não só os saberes teóricos, mas também os saberes práticos, havendo também de certa maneira uma abstração das regras comportamentais, que fazem da pessoa um cidadão ciente dos seus direitos e deveres e, sobretudo, tenha certa clareza de que é a escola que está para a sociedade, e não a sociedade para a escola. Portanto, estar consciente de que a escola tem o papel de servir às pessoas. O problema é que, mesmo assim, acontecerá de certa forma uma reprodução dos ideais da classe dominante da sociedade, ou seja, quem possui *status* sempre será mais valorizado, pela instituição escolar.

Segundo a análise de Luckesi, 1994, a escola reprodutivista é um instrumento criado para otimizar o sistema produtivo, e ainda a sociedade a que ele serve, pois ela não só qualifica para o trabalho, socialmente definido, mas também introjeta valores, que garantem a reprodução comportamental compatível com a ideologia dominante. Tornar um aluno mais competente tecnicamente não é suficiente. Ele deve tornar-se mais competente para manter uma sociedade determinada.

Com relação à última tendência, a transformadora, segundo Luckesi (1994) esta:

> Tem por perspectiva compreender a educação como mediação de um processo social [...] serve de meio, ao lado de outros meios, para realizar um projeto de sociedade; projeto que pode ser conservador ou transformador. [...] Pretende demonstrar que é possível compreender a educação dentro da sociedade [...] com a possibilidade de trabalhar pela sua democratização (LUCKESI, 1994, p. 48).

Pode-se compreender a tendência transformadora como uma educação dentro da sociedade que, apesar de seus problemas e suas causas, apresenta a possibilidade de ser instrumento de sua emancipação. Para isso é importante fazer uma interpretação positiva da educação que se funda no diálogo que busca um objetivo, traçando metas a serem alcançadas para a sociedade à qual se quer ou se tem como perfeita. A educação como processo transformador da sociedade busca compreender o sentido da educação nos seus condicionantes e agir de tal maneira para que, de fato, a sua transformação aconteça. Desvenda e faz uso das próprias contradições da sociedade, para a partir das quais, trabalhar para sua transformação.

CAPÍTULO II

FREIRE E A EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: PROPOSTAS DE UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA SOCIEDADE.

A preocupação do homem pela educação vem de muito tempo. Por sua vez, é acompanhada de diversas formas e olhares e sob os mais variados aspectos, sobretudo por aqueles que procuram uma maneira de melhor se utilizar desse meio tão importante para todos: a educação. De acordo com Sócrates, pensar a educação é imaginar o homem. Compreende-se, assim, que a educação é própria do ser humano, daquele capaz de pensar, raciocinar, questionar e através de suas escolhas e com sua determinação, lutar para transformar o meio em que vive dando um sentido maior à sua constante busca por saber mais e consequentemente a sua existência.

A educação no seu sentido genérico pode ser encontrada no Dicionário Aurélio, no qual a educação é um "processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano" (FERREIRA, 2001, p.251).

Com intuito de aprofundar o entendimento sobre educação, evoca-se o pensamento de Rousseau (1995), quando afirma que uma boa educação é aquela que é capaz de reformar o homem e a sociedade, tendo em vista, que a mesma propõe ajudar o educando a libertar-se, a reconhecer-se dono do seu futuro, das suas ideias e promotores de sua história. Vale salientar, que a educação não deve incentivar algo que venha a alienar e atrofiar o pensamento e as ideias das pessoas, fazendo com que as mesmas ideias se reduzam apenas a mera reprodução ou aceitação do que está pronto e acabado. A educação, antes de tudo, tem um papel

muito importante, que deve ser colocado em prática desde o início, nos primeiros dias de vida de uma pessoa.

Na concepção de Aranha (2006, p. 274), deve-se imaginar o ato de pensar ou conhecer, "como um processo que se estabelece no contato do educando com o mundo vivido, lembrando que este se encontra em contínua transformação".

Observa-se que nem sempre é colocada em prática a educação ideal, na qual o importante é desenvolver a capacidade de pensar do educando, dando oportunidade para que ele seja livre, e possa de fato contribuir com suas ideias na construção do conhecimento. Para Freire, em sua obra **Pedagogia do Oprimido** (1987), a educação reflete na sociedade a estrutura de poder; isto significa que ela é capaz de dominar, transformar e favorecer, ou inibir qualquer pensamento que possa se confrontar com os ideais capitalistas, ou que não estejam de acordo com os interesses da classe opressora da sociedade.

O autor em sua história de vida experimentou junto a sua família, períodos muito difíceis de fome, necessidade de alimento, mas também necessidade de saber, ou de crescer na vida; necessidade de ser livre para pensar, ele que também foi oprimido. Portanto, ele mais do que ninguém pode falar de opressão, luta, revolução, não somente com teorias, mas com a própria vivência. Então decidiu escrever um livro intitulado Pedagogia do Oprimido. Para ele, a Pedagogia do Oprimido é:

> [...] aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele (oprimido), enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 1987, p.32).

A educação deve acontecer num processo contínuo, desenvolvido ao longo e de acordo com a história particular de cada pessoa. Neste processo, deve ser levado em consideração que a educação está para o indivíduo, e não o indivíduo para a educação. Está patente em sua principal obra, a preocupação em fazer uma educação que não esteja fundamentada na memorização ou reprodução do saber como meio para se chegar à liberdade. O seu desejo é que aconteça uma educação diferente, problematizadora, emancipatória, construída a partir da história de cada

um que a faz e da conscientização dos homens e mulheres oprimidos e excluídos da sociedade.

Para Aranha, a pedagogia do oprimido, que é uma pedagogia libertária, "consiste na educação voltada para a conscientização da opressão, que permitiria a consequente ação transformadora" (ARANHA, 2006, p. 273).

O autor ao criar tipologia sobre a educação apresenta a educação bancária, como instrumento da opressão. Os conteúdos são sempre depositados pelo professor, que os narra aos alunos como se eles fossem seres passivos e meros ouvintes ou reprodutores daquilo que está sendo falado pelo professor.

> Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação [...]. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração [...]. A palavra, nestas dissertações, se esvaziada dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante (FREIRE, 1987, p.57).

Nas condições acima citadas, onde não há uma relação de diálogo entre o professor-aluno, o educando sente-se na obrigação de apenas abstrair o conteúdo pronto e acabado narrado pelo professor, sem se dar conta do seu real significado e das possíveis reflexões. "Em lugar de comunicar-se, o educador faz 'comunicados' e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem" (FREIRE, 1987, p.58).

Dessa forma, não se pode falar em diálogo, ou em construção de conhecimento a partir do pensamento do educando. Não há lugar para a criatividade ou para a busca de realização pessoal e até mesmo de uma transformação da sociedade a partir de um pensamento mais crítico. Sendo assim, fica inexistente de certo modo, o verdadeiro saber, e a produção de conhecimento, pois pensar, produzir conhecimento e ideias novas, torna-se uma ameaça para os detentores do poder e, por isso, não interessa à classe opressora.

> Na concepção "bancária" que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir, valores e conhecimentos, não se verifica, nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo

> a sociedade opressora, sendo dimensão da "cultura do silêncio", a "educação bancária" mantém e estimula a contradição. [...] O educador é o que sabe; os educandos não sabem (FREIRE, 1987, p.59).

O autor acredita em uma educação transformadora, que ajude o educando a sair de sua ignorância, a libertar a si mesmo e aos outros, seus semelhantes que ainda por ventura se encontram presos ao antigo regime, detentor e protagonista da opressão. Segundo ele, "só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros" (FREIRE, 1987, p. 58).

Em muitos casos despercebidos, a educação bancária se faz existente na sociedade contemporânea. Não são poucas as pessoas que desistem com facilidade de realizar algo de concreto em sua vida, ou em prol da sociedade. Porque o sistema onde estão inseridas, não as incentivam a lutar com convicção por aquilo que desejam, a serem protagonistas de seu querer, de suas ideias e do seu futuro.

Pode-se, por exemplo, fazer uso do fato de que nas comunidades distantes, em que não é fácil o acesso dos meios de comunicação e informação, na maioria das vezes, as pessoas são modeladas, presas e fechadas a uma linha de pensamento. Que pode ser alienante ou não, dependendo da forma como se dá a relação entre os que estão no papel de opressor em relação aos oprimidos.

Isso acontece porque à medida que avançam no processo formativo da sociedade capitalista, consumista e alienada, os homens já são moldados, modelados para satisfazer a um sistema preestabelecido, para cumprir normas, regras e sempre obedecer, e estar na condição de servo e oprimido.

> Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos (FREIRE, 1987, p.60).

Ainda com o pensamento de Freire quando se refere aos educandos, diz que "Quanto mais se lhes impunha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos" (FREIRE, 1987, p.60).

Diante de tantos desafios enfrentados em seu tempo, Paulo Freire enfatizou sua ideia, expressando que os opressores buscam transformar as pessoas e sua mentalidade, sobretudo a dos oprimidos, não se importando com a situação que os oprime e causa desconforto. Isso acontece, para que, os sofredores, adaptados a esta situação, sejam dominados com mais facilidade, tirando deles o máximo de proveito; pois enquanto as pessoas não tiverem consciência dos seus direitos, não exigirão além daquilo que espontaneamente lhe é oferecido.

A educação bancária acontece em muitos casos de forma indireta; faz com que o oprimido permaneça estagnado e preso, e incapaz de saber ou ter forças para colocar em prática o desejo de libertar-se, lutar e problematizar o mundo em que vive; satisfaz aos interesses dos que assumem o papel de opressores, aqueles que não promovem transformações, nem fazem com que o homem oprimido reconheça a si mesmo e resgate a sua humanidade, sua dignidade; a educação bancária também possibilita a prática de uma generosidade falsa, que faz dos que vivem oprimidos, apenas meios para uma satisfação pessoal ou até mesmo um destaque diante da comunidade para ganhar *status*.

Os oprimidos, dentre as muitas características que lhe são atribuídas pela comunidade opressora, são tidos como marginalizados, marginais, sem cultura e, ao mesmo tempo, condenados a permanecerem na condição de oprimidos, de servos e sofredores. Assim, os oprimidos são chamados pelos opressores: "[...] 'essa gente', 'essa massa cega e invejosa' ou, de 'selvagens', ou de 'nativos', ou de subversivos', [...] 'violentos', os 'bárbaros', os malvados' e os 'ferozes'[...]" (FREIRE, 1987, p.43).

Assim, desmerecidamente, são destratados em seu meio, sendo que o seu problema está em não saber lidar com essas discriminações e não ter conhecimento dos seus direitos, ou não ter a coragem e a ousadia de lutar pelos mesmos. Já estão acostumados com tal coisa, que acham até normal, certas diferenças, pois:

> De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua incapacidade. Falam de si como os que não sabem e do "doutor" como o que sabe e a quem devem escutar (FREIRE, 1987, p.50).

Diante da realidade colocada por Paulo Freire, e de vários autores que pensam de forma semelhante essa realidade que é vivida por muitas pessoas, que além de serem a elas negados os seus direitos, sua liberdade, elas se autodesvalorizam sendo vítimas ou abraçando a ideia do sistema capitalista da supervalorização do ter. A educação bancária enfatizada por Paulo Freire, coisifica o homem e, portanto não é a mais indicada para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária que liberta, conscientiza e desenvolve o pensamento crítico do educando. A prática da educação bancária acontece como uma forma de dominação e "domesticação" ideológica que nega aos homens o direito de ser mais, de superar-se e reconhecer-se como independentes e livres.

> A apropriação do saber tem sido sistematicamente negada aos segmentos mais pobres. O que se verifica pelos altos índices de exclusão, evasão, repetência e, ainda, pelo dualismo escolar, em que aos ricos é oferecida a formação intelectual, com a abertura para a formação superior, e aos pobres a escola profissionalizante, sem a teoria que possibilite a compreensão da prática (ARANHA, 2006, p.269).

De certa forma, a educação era negada aos pobres, e sendo assim, era negada a eles a liberdade. Mas Freire acreditava na libertação da humanidade, dos homens e mulheres que se encontram marginalizados, excluídos, oprimidos, com direitos reduzidos.

> A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 1987, p.67).

É por meio da educação emancipatória, participativa e aberta ao diálogo, que acontece a libertação autêntica do oprimido. É nela e por meio dela, que este se reconhece livre, inacabado e consciente não só dos seus diretos, mas também dos seus deveres. Um dos primeiros passos para a construção desse pensamento, continuando com a ideia do autor, é ter em mente que: "somos seres essencialmente inacabados [...]" (MARIANI, 2011, p.89).

> A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo encha de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1987, p.67).

A educação também pode ser alcançada mediante o esforço de cada pessoa em procurar sempre superar-se e renovar-se, tomando consciência de ser inconclusa, adquirindo de volta a sua humanidade, "afirmada no anseio de liberdade, de justiça e de luta dos oprimidos [...]" (FREIRE, 1987, p.30).

Mesmo diante das dificuldades, sejam elas de que tamanho for, Paulo Freire é um exemplo concreto de que não se pode desistir das lutas incessantes por libertar-se, por saber, por transformação da sociedade. Ele acredita que essa transformação pode ser adquirida ou realizada pela educação, que é um meio pelo qual o homem toma consciência de si mesmo de sua condição de ser inacabado e constante luta pela humanização, resgatando a sua humanidade, buscando meios para suprimir a opressão numa luta coletiva em prol da liberdade para todos. Para isso, é preciso reconhecer que:

> A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Liberdade: condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (FREIRE, 1987, p.34).

A liberdade existe para todos, e a partir do momento em que houver consciência ou reconhecimento de que a mesma, de fato, é uma conquista e não uma dádiva,buscar-se-á agir diferente, colocando em prática a maneira correta de agir e pensar o mundo e as coisas que nele habitam. É, pois, nesse reconhecimento que a liberdade se concretiza.

Pode-se perceber a pedagogia do oprimido, como uma pedagogia que, além de humanizar, liberta não só o oprimido, mas também o opressor, preso ao seu mundo, dominado por objetivos individualistas. Por isso a pedagogia se apresenta em dois momentos:

> O primeiro em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo permanente de libertação (FREIRE, 1987, p.41).

É interessante e ao mesmo tempo importante quando as pessoas se reconhecem oprimidas, porque a partir daí começa um processo de crescimento do seu desejo de mudança para melhor; e vão-se adentrando em um contexto real de transformação. Nesse processo, onde uma vez transformada a realidade pessoal de cada oprimido, passa-se a buscar transformação tanto para si, como para os demais.

Para que o ideal de liberdade e mudança possa se concretizar, faz-se necessário que os oprimidos descubram e reconheçam que: "Na medida em que, para dominar, esforçam por deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, os opressores matam a vida" (FREIRE 1987, p.47). A partir desse salto, de reconhecimento e vontade de mudança, a liberdade de fato começa a acontecer, pois já não estarão os oprimidos, sujeitos à vontade de um grupo, mas se tornarão donos de sua própria liberdade. Diz-se isso, porque "os oprimidos, como objetos, como quase 'coisas', não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores" (FREIRE 1987, p.47).

Em decorrência de tudo isso, é para confirmar que os oprimidos, embora estejam em uma condição constrangedora, têm em si próprios, por meio de sua ousadia e desejo de mudança, o poder de transformar nas próprias mãos. Portanto:

> Até o momento em que os oprimidos não tomem consciência das razões de seu estado de opressão "aceitam" fatalistamente a sua exploração. Mas ainda provavelmente assumam posições passivas, alheadas, com relação à necessidade de sua própria luta pela conquista da liberdade e de sua afirmação no mundo. Nisto consiste a sua "convivência" com regime opressor (FREIRE 1987, p.51).

Seguindo o raciocínio de Freire (1987, p. 52), na medida em que os oprimidos descobrem e diferenciam a pessoa do opressor, lutam por sua libertação e superam

sua "convivência" com o regime opressor, começam a acreditar em si mesmo, a defender seus ideais, e a vivê-los sem medo de ser quem são.

O autor acreditava que a libertação por meio da educação só tinha possibilidade de acontecer pelo esforço de toda a comunidade, sobretudo daqueles que criam a desigualdade tornando-se vítimas da mesma. Segundo Paulo Freire, "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: Os homens se libertam em comunhão" (FREIRE 1987, p.52). É preciso para isso, não se acomodar, nem se acostumar com a situação de opressão em que se vive. Além do mais é preciso também que cada pessoa se utilize de uma mesma linguagem, para que haja unidade e concordância na sua maneira de pensar e agir.

Sabe-se que, para Paulo Freire, a educação "bancária" é dominadora, reducionista, alienante e não produz bom crescimento sociocultural e afetivo no educando. Por isso, propõe uma educação problematizadora, fundada no diálogo e na vivência cotidiana, através dos "Círculos de Cultura". Tendo consciência de que não existe um saber mais ou um saber menos, mas saberes que se complementam a partir do interesse e da necessidade, é através do diálogo que uma pessoa ajuda outra em suas dificuldades, situando-se no contexto do seu próprio mundo, para, a partir do mesmo, entender a realidade que a cerca e, perceber o processo educativo de aprendizagem e de mudança.

Paulo Freire mostra as razões por que repensar a educação, a forma de como ela está sendo transmitida e, sobretudo como ela está sendo vivida. Pois ela se reflete em todas as atividades que o ser humano desenvolve, das mais simples às mais complexas. Freire apresenta propostas para uma nova educação e uma nova sociedade, baseada no diálogo, na educação problematizadora e nos "Círculos de Cultura", que é uma proposta de educação não formal.

> Os Círculos de Cultura – no método Paulo Freire – revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, reelaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que embora construído por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo humanizado não os humaniza (FIORI in FREIRE, 1987, p. 17).

Os "Círculos de Cultura" são importantes, pois ajudam o educando a compreender o próprio contexto em que vive, e para o qual busca uma mudança. Sobre essa nova maneira de transmissão de saberes, Aranha comenta que são:

> Constituídos de grupos pequenos sob a coordenação de um animador, que pode ser um professor ou um companheiro já alfabetizado. Diante da representação de uma favela, por exemplo, há o debate sobre o problema da habitação, da alimentação, do vestuário, da saúde, da educação, descobrindo-a como uma situação problemática. Em seguida, passa-se à visualização da palavra favela (ARANHA, 2006, p.274).

Sendo assim, é possível fazer a descoberta de temas geradores que têm grande importância no método pedagógico proposto. "Procurar o tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis" (FREIRE, 1980, p. 32).

Quando o educando participa da escolha do tema gerador, é dada a ele a possibilidade e os meios para que haja uma tomada de consciência da realidade que o cerca como também do papel que desenvolve na sociedade, tendo em vista a sua transformação. Assim, o educando constrói uma consciência crítica, que lhe permite a conquista da sua autonomia, da sua liberdade e do seu querer sempre mais. Uma educação fora do contexto, fora da realidade, não forma ninguém, apenas domestica e faz com que o educando fique acostumado a qualquer situação de opressão. Pode-se perceber aqui que os educandos:

> Geralmente chegam à escola com uma imensa vontade de aprender para sentirem-se mais capazes e mais confiantes para conviver em sociedade e, assim, melhorar a qualidade de vida, tornando-se indivíduos mais independentes (EBERT, 2011, p.98).

Para Freire, a libertação do oprimido se faz necessária ao oprimido e também ao opressor, e esta é possível mediante a prática de uma nova concepção de educação, fundamentada nos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, recusando-se toda e qualquer forma de dominação, humilhação e desigualdade entre as pessoas. É preciso extinguir da sociedade a educação bancária que valoriza os interesses do opressor, tratando as pessoas como seres vazios, sem conhecimento e sem prestígio e sempre dependentes. Ao contrário, Freire acreditou

e sempre defendeu uma educação alicerçada na liberdade, conscientização, desalienação e problematicidade, para que aconteça a tomada de consciência.

> A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (FREIRE, 1987, p. 70).

Percebe-se na proposta de Paulo Freire, uma educação problematizadora fundamentada no diálogo entre o educador e o educando. "Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa" (FREIRE, 1987, p.68).

Faz-se necessário ao processo educacional algo que leve os educandos a se questionarem e pensarem a realidade que os cerca, não sendo obrigados a limitar seu pensamento, ou a se verem como seres acabados e passivos diante dos problemas e da realidade em que vivem.

> Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio. Desafiados, compreendem o desafio na própria ação de captá-lo. Mas precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isso cada vez mais desalienada (FREIRE, 1987, p. 70).

Sendo assim, em Freire (1987, p.72), a problematização serve para a libertação e se funda na criatividade, estimulando a reflexão sobre a realidade como seres participativos do processo de transformação da sociedade.

Como educandos problematizadores, pensam a realidade e procuram um meio de vida que melhor se adéque à sua situação, respondendo à vocação primeira do homem, que é a de estar sempre em constante superação, na busca incessante por "ser-mais".

Em se tratando especificamente do diálogo autêntico, entre o educador e o educando, por sua vez, é um importante instrumento para a concretização do "ser-mais". Pois ele (o diálogo) é ação e reflexão, na medida em que há uma relação de entendimento e troca de informações entre aqueles que desejam humanizar-se e transformar o mundo, tendo consciência que sua existência não pode ser muda,

imperfeita e sem serventia. Faz-se necessário ter consciência de que o diálogo se transforma em transferência e troca de conhecimentos, de ideias que podem ser de grande importância para quem faz uso do mesmo. Freire defende que "somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo" (FREIRE, 1987, p.83).

O autor pensa a realidade como um processo, como um devir, como algo que está em constante construção, tendo em vista sempre a transformação da sociedade e a humanização dos homens, que é possível através do diálogo, que é fruto ou consequência de uma verdadeira educação. Esse diálogo se fundamenta "[...] no amor, na humildade e na fé nos homens [...]" (FREIRE, 1987, p.81).

> A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B, ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Mundo que impulsiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicitam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação (FREIRE, 1987, p. 84).

Diante de todas essas considerações, percebe-se que a proposta de Freire tem como grande foco a libertação dos oprimidos, tornando-os homens e mulheres autônomos. Que não só tenham o desejo de participação nas decisões, mas que de fato, vivam em uma sociedade emancipatória, onde seja colocado em prática o desejo coletivo, e não se deixe ser manipulados por situações que ponham limite a sua autonomia. É através do diálogo que se pode construir uma consciência crítica do mundo. Ao questionar o mundo, o homem passa a fazer história, a dar sua contribuição para a formação de uma sociedade, onde o homem não seja mais oprimido e nem opressor.

Faz-se necessário ter em mente que a educação é um meio para se chegar à liberdade. E esta acontece quando as pessoas têm o conhecimento de tudo que as cerca e podem escolher. O bom educador deve estimular a diversidade, torcendo para que seus alunos tenham suas próprias ideias, e que eles tenham a coragem de defendê-las, devidamente fundamentadas, em qualquer situação. E, se equivocados em suas ideias, tenham a coragem e a segurança de admitirem e mudarem de opinião.

Apesar de todas as críticas feitas ao sistema capitalista e à forma como as pessoas se relacionam ou aplicavam a educação, Freire objetivava a libertação do homem e da mulher oprimidos e excluídos, pois a educação que vigorava estava ligada ao domínio e a alienação do opressor sobre o oprimido. Portanto havia o desejo de mudança dessa realidade; e um dos meios encontrado por Freire foi a criação e a prática de uma nova educação alicerçada no diálogo e nos "Círculos de Cultura", onde deve vigorar o domínio da palavra e uma tomada de consciência , transformando a escola em um ambiente livre, onde todos tenham os mesmos direitos e participem de um mesmo grupo, motivados pela reflexão sobre si e o mundo que o cerca e pelas ações transformadoras.

> A concepção moderna de educação, esboçada a partir do modelo social hegemônico está comprometida com a organização racional do trabalho, com inovações tecnológicas e coma organização da sociedade estabelecida a partir da exploração econômica. Ora, uma vez que a educação deve reproduzir a inexorabilidade da realidade existente, não podem suas instituições obedecer a uma lógica distinta dessa realidade, o que nos permite compreender por que o estado molda o ensino a partir de uma lógica de mercado (TREVISAN, 2000, p. 71).

Embora ao longo dos tempos, muito se tenha feito em favor da educação para a inclusão, para a liberdade, ela ainda está ligada ao mercado de trabalho (tecnicismo). A grande massa social continua escrava do sistema, que serve para dar sustentação ao próprio sistema capitalista de produção e consumo. Muitos e, sobretudo os que se encontram no poder ou que aspiram a ele, utilizam-se das deficiências presentes na educação para se autopromoverem, ao se comprometerem com mudanças educacionais. Mas que na realidade, depois que se chega ao poder, e se encontra na função de gestor, não lembra mais do compromisso com aqueles que necessitam de uma educação de qualidade.

CAPÍTULO III

IVAN ILLICH E A SOCIEDADE SEM ESCOLAS: PROPOSTAS DE UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA SOCIEDADE.

A educação ao longo do tempo tem passado por várias mudanças, mas até então, tais mudanças não estão trazendo satisfação para algumas pessoas, que preferem buscar uma nova maneira de adquirir conhecimento. Após o estudo das críticas ao sistema escolar e às propostas de Paulo Freire, baseadas no diálogo e nos círculos de Cultura, Ivan Illich apresenta uma nova crítica às escolas e propõe uma mudança radical nas mesmas, e na maneira como a educação é transmitida.

Illich em sua obra "Sociedade sem escolas" (1973), defende a ideia de uma sociedade desescolarizada e contrapõe aos interesses capitalistas, quando se propõe uma educação não formal sem a intervenção da instituição escolar, que favorece em muitos casos o progresso daqueles que são a minoria e que detêm o poder na sociedade. Um sistema educacional exige uma formação para a liberdade, no qual o diálogo é um meio de transformação , por que uma relação dialógica entre o educador e o educando nesse processo formativo, favorece a construção de uma consciência não alienante da sociedade.

Contrapondo aos ideais capitalistas, Illich (1973) propõe uma desescolarização da sociedade, tendo como um dos objetivos a construção de uma sociedade embasada na educação não formal, sem regras alienantes e sem se deixar dominar por nenhuma categoria, e onde exista a prática da igualdade de tratamento para todos. A partir de um estudo da obra "Sociedade sem escolas" de Ivan Illich, pode-se encontrar as razões pelas quais o autor propôs a desinstalação da escola, e a criação de novas instituições. As novas instituições devem permitir a qualquer pessoa adquirir os conhecimentos desejados, cada qual em seu próprio ritmo, e, ainda, considerar a capacidade que qualquer pessoa tem de aprender e

ensinar. Portanto, a aprendizagem pode ser efetuada em qualquer local, pois segundo Illich:

> Paradoxalmente as [...] pessoas, quando pressionadas a especificar como adquiriram o que sabem e valorizam, prontamente admitem que o aprenderam, as mais das vezes, fora e não dentro da escola. Seu conhecimento dos fatos, sua compreensão da vida e do trabalho lhes adveio pela amizade ou pelo amor, enquanto assistiam televisão, ou liam, pelo exemplo de colegas ou por uma dissensão resultante de um encontro na rua. [...]A alternativa para nossa dependência das escolas não é o uso dos recursos públicos para algum novo propósito que faça as pessoas aprenderem; é antes a criação de um novo estilo de relacionamento educacional entre o homem e o seu meio-ambiente (ILLICH, 1973, p. 123-124).

É perceptível a valorização e o reconhecimento da educação informal, como meio de aprendizagem sem o auxílio de uma instituição escolar cheia de normas, e com uma ideologia alienante e dominante, que restringe o aprendizado e diminui o seu rendimento. Vale salientar a possibilidade de um estudo realizado a partir da vivência familiar ou entre amigos, fazendo das atividades cotidianas, uma forma de adquirir um embasamento para a vida e buscando aperfeiçoar cada vez mais o que se aprende, através de outros meios.

Mas o que se percebe é que nem sempre as pessoas podem decidir sobre sua vida, sobretudo quando diz respeito à formação da consciência crítica, pois não existe uma liberdade para a vivência dos conhecimentos adquiridos, sendo as pessoas limitadas de expressar-se e viver como bem achar correto. Tudo isso porque as pessoas devem concordar e sempre fazer conforme orienta a sociedade dominadora à qual as instituições estão interligadas.

A educação deve servir ao ser humano como uma forma de aperfeiçoar e colocar em prática aquilo em que o mesmo acredita. Nessa perspectiva, defende como sendo caminho a ser percorrido a busca de um bem que não existe fora dela, onde esteja presente, a concretização dos sonhos e ideais humanos, sobretudo para aqueles a quem é negado o direito de pensar da sua maneira. Segundo Illich, "[...] maioria dos homens tem seu direito de aprender cortado pela obrigação de frequentar a escola" (ILLICH, 1973, p. 17).

Sendo assim, Illich critica o sistema educacional que funciona como dominação do indivíduo por parte de uma sociedade hierarquizada e desigual, em que as pessoas já não sabem se vivem em função de si, ou em função da sociedade valorizadora dos interesses dos poderosos. Por isso, Illich acredita que "em toda

parte, não apenas a educação, mas a sociedade como um todo precisa ser 'desescolarizada'" (ILLICH, 1973, p. 23).

Os estudantes, principalmente, os que estão entre as camadas mais pobres da sociedade, podem perceber por intuição, de que forma o sistema educacional capitalista os trata. Os mesmos são levados a acreditar que:

> [...] quanto mais longa a escolaridade, melhores os resultados; ou, então que a graduação leva ao sucesso. O aluno é, desse modo, «escolarizado» a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo (ILLICH, 1973, p. 21).

Nem sempre a escolarização traz resultados satisfatórios e necessários como sendo indispensáveis para se obter sucesso profissional e boa vivência comunitária. Às vezes acontece uma confusão no que diz respeito ao que é resultado de um esforço pessoal, mérito de quem se esforça do que é mérito da escolarização, da educação formal, da dominação, das regras.

Para maquiar a beleza da escolaridade, a alienação fica escondida atrás da aprendizagem, dos diplomas, das habilidades adquiridas com esforço pelo estudante e que são dadas como mérito da instituição em si. Logo, a aprendizagem é algo que está para além do ensino formal. É sabido por todos que diploma não prova inteligência de ninguém e que nem todo aquele que tem certa habilidade no falar, é capaz de criar ou expressar algo novo.

Vale salientar que há uma tendência maliciosa em atribuir benefícios como sendo resultados das instituições. E assim se reportar às pessoas como dependentes de tal sistema, a ponto de se acreditar que, "O trabalho, o lazer, a política, a vida na cidade e mesmo a vida familiar dependem da escola, por causa dos hábitos e conhecimentos que pressupõem [...]" (ILLICH, 1973, p. 31). Seria importante se essas atividades próprias do ser humano, em vez de dependerem das escolas, elas mesmas se transformassem em meios ou sistemas educativos.

Partindo do raciocínio de Illich, a escolaridade tem suas grandes limitações e, enquanto ela vigorar como único meio pelo qual se adquire conhecimentos que podem ser comprovados por meio de diplomas, esse mesmo sistema de escolarização não mudará muito a situação educacional das pessoas. O autor enfatiza ainda que:

> A escolaridade não promove nem a aprendizagem e nem a justiça, porque os educadores insistem em embrulhar a instrução com diplomas. Misturam-se, na escola, aprendizagem e atribuição de funções sociais. Aprender significa adquirir nova habilidade ou compreensão, enquanto que a promoção depende da opinião formada de outros. A aprendizagem é, muitas vezes, resultado de instrução, ao passo que a escolha para uma função ou categoria no mercado de trabalho depende, sempre mais, do número de anos de freqüência à escola (ILLICH, 1973, p. 36).

Do ponto de vista temático, não se pode confundir aprendizagem com atribuição de funções sociais. A primeira é resultado do esforço de cada pessoa em assimilar e compreender tudo à sua volta, isto é, resultado de uma instrução. Já a segunda, é um espelho ou demonstração da contagem dos anos em que a pessoa frequentou a escola, sobretudo quando está sendo avaliada, ao buscar um emprego. Isto quer dizer que para o mercado de trabalho, entre uma pessoa que tenha a experiência e outra que tenha um diploma, a última é mais valorizada.

O ensino formal pode, em algumas circunstâncias, ser útil. "Mas a maioria das pessoas adquire a maior parte de seus conhecimentos fora da escola" (ILLICH, 1973, p. 37). Nesse sentido, é fora da escola que as pessoas nascem, dão os primeiros passos e pronunciam as primeiras palavras, tendo a ajuda contínua dos pais, indispensável no processo educacional dos filhos. Depois, a prática do conhecimento se faz fora da escola, uma vez que a teoria existe para a prática, assim como a palavra existe para ser pronunciada e aprofundada.

Segundo Illich:

> A maior parte da aprendizagem ocorre casualmente e, mesmo, a maior parte da aprendizagem intencional não é resultado de uma instrução programada. As crianças normais aprendem sua primeira língua casualmente, ainda que mais rapidamente quando seus pais se interessam. A maioria das pessoas que aprendem bem outra língua, conseguem por causa de circunstâncias especiais e não de aprendizagem seqüencial (ILLICH, 1973, p. 38).

Para Illich, ao questionar a escola e buscar solucionar os problemas oriundos da mesma, faz-se necessário entender a definição do termo escola. Ele o faz, em sua obra "Sociedade sem escolas" (1973), entendendo a escola como "[...] um processo que requer assistência de tempo integral a um currículo obrigatório, em certa idade e com a presença de um professor" (ILLICH, 1973, p. 58). Selecionando e agrupando as pessoas conforme a idade pode-se pensar no espaço em que as crianças se encontram quando colocadas diante das escolas.

Partindo dessa premissa, a sociedade capitalista consumista diz que o lugar das crianças é na escola, e é só nela que elas aprendem (ILLICH, 1973). Além do mais, é só nas escolas que se pode ensiná-las.

> A sabedoria institucionalizada nos diz que as crianças precisam de escola. A sabedoria institucionalizada nos diz que as crianças aprendem na escola. Mas esta mesma sabedoria institucionalizada é produto de escolas, pois o sadio senso comum nos diz que apenas as crianças podem ser instruídas na escola. Somente pela segregação dos seres humanos na categoria infantil conseguimos submetê-los à autoridade de um professor escolar (ILLICH, 1973, p. 61).

De acordo com a crítica, nem sempre a aprendizagem é resultado do que é ministrado nas salas de aula de uma escola. Deve ser compreendido que os conhecimentos estão fora da escola, e mesmo que nela sejam estudados, em todo caso são construídos e colocados em prática fora dela. Segundo Illich, "todos aprendemos o como viver sem o auxílio da escola. Aprendemos a falar, pensar, amar, sentir, brincar, praguejar, fazer política e trabalhar sem interferência de professor algum" (ILLICH, 1973, p. 62).

A cada dia se percebe um cuidado e, ao mesmo tempo, um receio dos pais com relação à presença dos filhos na escola, apresentando os mais variados motivos para exigir que o filho frequente a escola.

> Os pais pobres que desejam que seus filhos frequentem a escola, não se interessam tanto pelo que vão aprender quanto pelo certificado e pelo dinheiro que irão ganhar. E os pais da classe média confiam seus filhos aos cuidados de um professor para resguardá-los de aprender o que os pobres aprendem na rua. As pesquisas educacionais vêm, crescentemente, demonstrando que as crianças aprendem a maior parte do que os professores pretendem ensinar-lhes dos seus grupos de amigos, das histórias em quadrinhos, de observações fortuitas e, sobretudo, da mera participação no ritual escolar (ILLICH, 1973, p. 62).

Ainda há algumas pessoas, inclusive as mais pobres, que quando se referem à saída para o sucesso e a um esperançoso aprendizado, acreditam que este vem da escola e não dos professores. Por isso, as exigências da escola transformam o professor em guardião, pregador e terapeuta.

> O professor-guardião sem pretensões de conduzir a uma aprendizagem profunda treina seus alunos em algumas rotinas básicas. [...] O professor-moralista substitui os pais, Deus ou o Estado. Doutrina os alunos sobre o

> que é certo e o que é falso, não apenas na escola, mas também na grande sociedade. [...] O professor-terapeuta julga-se autorizado a investigar a vida particular de seus alunos a fim de ajudá-los a tornarem-se pessoas (ILLICH, 1973, p. 65).

Seguindo tal raciocínio, o professor é moldado, segundo as exigências do sistema que domina a sociedade, o sistema capitalista consumista. O professor já não tem mais identidade própria, nem autonomia para direcionar seu pensamento ou defender seus ideais. O mesmo vive em benefício de atender à demanda do mercado, que é desigual e excludente. Além do mais, o professor é formado ou orientado para guardar e proteger o aluno. Ainda ensinar ou doutrinar o que é certo ou errado, para tanto, que os alunos devem acreditar ou não.

Para melhor caracterizar as funções desempenhadas pelo sistema escolar, Illich descreve os mitos presentes na sociedade e no pensamento das pessoas, tornando-se quase que leis que são seguidas e ensinadas. Existe o mito dos valores institucionalizados, o qual se expressa da seguinte maneira:

> A existência de escolas produz a demanda pela escolarização. Uma vez que aprendemos a necessitar da escola, todas as nossas atividades vão assumir a forma de relações de cliente com outras instituições especializadas[...]. Aprendemos na escola, que toda aprendizagem profícua é resultado da freqüência, que o valor da aprendizagem aumenta com a quantidade de insumo (input) e, finalmente, que este valor pode ser mensurado e documentado por títulos e certificados (ILLICH, 1973, p. 75).

Evidencia-se que nem sempre os valores e os méritos educacionais devem ser atribuídos à instituição escolar, pois o saber não é medido por frequência, nem tão pouco através de diplomas ou quando muito se recebe pelo professor na sala de aula. Por isso, é que se tem o mito que quanto mais diplomas possuir, ou obter maior frequência à escola, mais conhecimentos e habilidades possui. É sabido por todos que a aprendizagem e a assimilação do conhecimento acontecem, nos mais variados lugares e não dependem somente da escola, e sim de fatores outros que em muitos casos não dependem da mesma.

Por outro lado existe o mito da mensuração dos valores:

> Os valores institucionalizados que a escola inculca são valores quantificados. A escola inicia os jovens num mundo onde tudo pode ser medido, inclusive a imaginação e o próprio homem [...] o crescimento pessoal não é coisa mensurável [...] não pode ser medido nem pelo metro

> nem por um currículo, nem mesmo comparado com as realizações de qualquer outra pessoa (ILLICH, 1973, p. 62).

Como está assentado na crítica, a escola se engana, quando ensina aos alunos que o conhecimento pode ser medido, através de uma prova mensal ou teste que o professor é obrigado a aplicar, para cumprir a regra e acreditar que assim estará avaliando de fato o conhecimento de uma pessoa. Ainda se pode compreender que a pessoa deva estar preparada fisicamente e saiba de todo o conteúdo que foi ditado para ser decorado.

Mas o psicológico dessa pessoa pode não ajudar, pelo simples fato de ter acontecido algo que venha a atrapalhar a execução da prova e a desenvoltura na obtenção dos resultados. Sabe-se que isso pode acontecer tanto com o aluno, como com o professor. Há então a pergunta: para onde foi o conhecimento? O aluno ou professor sabia e deixou de saber, ou eles nunca souberam? O que de fato apreenderam no decorrer das aulas? Tudo isso são questionamentos, para se provar que o conhecimento não pode ser medido, como prega as escolas ao aplicarem provas.

Na escolarização está presente o mito do progresso autoperpetuável, onde segundo Illich:

> A qualquer custo, a escola força o aluno ao nível do consumo curricular competitivo e a prosseguir para níveis sempre mais elevados. [...]. Mas o crescimento concebido em termos de consumo sem fim —o eterno progresso — nunca levará à maturidade (ILLICH, 1973, p. 80).

Cabe ainda frisar que a escolarização e seus defensores questionam que quanto mais esforço se faz na busca de um certificado ou diploma, e quando alcança a junção de vários diplomas, por sua vez a pessoa está mais apta para ingressar no mercado de trabalho. Mesmo que não se saiba o meio utilizado para se adquirir os mesmos, eis o problema principal: quanto mais se tem diploma, mais se quer adquirir, pelo fato de ser mais valorizado no mercado de trabalho.

Ressalta-se ainda, que muitos jovens ao se prepararem para o vestibular, objetivam em escolher um curso que lhe traga um bom retorno financeiro, deixando em segundo plano o desejo de cumprir a sua vontade pessoal. E, assim, optando pelo que é mais conveniente para o mercado de trabalho e para o sucesso

financeiro. Há então uma alienação e uma procura eterna de um lugar sempre melhor no espaço mercadológico consumidor. Illich lembra nesse momento que:

> A escola faz da alienação uma preparação para a vida, separando educação da realidade e trabalho da criatividade. A escola prepara para a institucionalização alienante da vida ensinando a necessidade de ser ensinado. Aprendida esta lição, as pessoas perdem o incentivo de crescer com independência; já não encontram atrativos nos assuntos em discussão; fecham-se às surpresas da vida quando estas não são predeterminadas por definição institucional (ILLICH, 1973, p. 87).

A realização plena e eficaz da pessoa só tem fundamento se tiver dentro do processo escolar, ou pelo menos se dele já tiver feito parte. A dependência e alienação fazem com que as pessoas sejam capazes de duvidar até mesmo de sua existência, simplesmente porque na escola se aprendeu assim, então, é lei e deve ser obedecida.

Conforme as colocações feitas pelo pensador estudado, e as considerações críticas ao modelo educacional capitalista, o mesmo propõe novas maneiras de pensar a educação como algo necessário e indispensável ao ser humano. Sobretudo quando esta educação respeita a pessoa em si, os estágios da vida e o que a pessoa é, o que faz e os ideais almejados pela mesma. Além disso, acredita-se que é possível uma nova educação para a formação de uma nova sociedade e mostra que:

> [...] o inverso da escola é possível: de que podemos depender de aprendizagem automotivada em vez de contratar professores para subornar ou compelir o estudante a encontrar tempo e vontade para aprender; de que podemos fornecer ao aprendiz novas relações com o mundo, em vez de continuar canalizando todos os programas educacionais através do professor (ILLICH, 1973, p. 124).

A escola transformou-se em grandes fábricas de produção de robôs, no sentido de modelar o aluno a tal ponto que o mesmo tem que abandonar grande parte daquilo que aprendeu na escola ou em casa, com os pais, irmãos ou colegas. Logo, o aluno não vai à escola para que lhes sejam dadas ferramentas para pensar; nem sequer para serem informados ou adquirirem conhecimentos, mas para serem "socializados" ou modelados conforme o sistema capitalista. Na maioria das vezes, ele tem que se conformar com um mundo diferente daquele que foi mostrado por

seus pais e que ele vive. A partir daí, o aluno começa a perceber que vive uma irrealidade, isto é, uma utopia.

Segundo as reflexões elaboradas por Illich anteriormente, o atual sistema educativo escolar, transformou-se em um sistema burocrático, hierarquizado e em muitos casos, manipulador, cuja função é a reprodução e o controle das relações econômicas.

Contrapondo esse sistema de educação escolarizado, Illich em sua obra "Sociedade sem escolas (1973)" propõe a criação de novas instituições educativas, que permitam disponibilizar àqueles que querem aprender novos meios de entrar em contacto com o mundo à sua volta, de uma maneira diferente, desinteressada e mais dinâmica. Os recursos utilizados serão a partir de redes de conviviabilidade que estejam disponíveis e acessíveis a todos para que assim, façam parte do processo educativo recebendo e transmitindo conhecimento.

Illich enfatizou em sua obra "Sociedade sem escolas" (1973, p.125), que as instituições que ele desejava propor para substituir as escolas estão concebidas para servir a uma sociedade que ainda não existia. Porém, que estava em crescente formação, devido à grande frustração que o sistema educacional pode causar nas pessoas, devido às grandes exigências desnecessárias. Essa sociedade para a qual existe uma idealização concretizará na medida em que as instituições entrarem em atrito entre si, e discordarem uma das outras.

Segundo Illich, as novas instituições educativas propostas por ele para substituir a escolarização, devem ter os seguintes propósitos:

> Dar a todos que queiram aprender acesso aos recursos disponíveis, em qualquer época de sua vida; capacitar a todos os que queiram partilhar o que sabem, a encontrar os que queiram aprender algo deles, e, finalmente, dar oportunidade a todos os que queiram tornar público; um assunto a que tenham possibilidade de que seu desafio seja conhecido. Tal sistema requer a aplicação de garantias constitucionais à educação. Os aprendizes não deveriam ser forçados a um currículo obrigatório ou à discriminação baseada em terem um diploma ou certificado (ILLICH, 1973, p. 127 - 128).

Considera-se que a educação deve estar ao alcance de todos e de igual maneira, para que todos possam ter acesso a uma mesma educação. Mas é sabido por muitos que nem sempre é assim, pois existe educação e educações. Isso porque quem tem um elevado poder aquisitivo, pode ter acesso a uma educação de qualidade, mas quem é desprovido de tais recursos, depende somente do que lhe é

dispensado. E a partir do momento em que houver diferença na forma de repassar os conteúdos, será notável a diferença também no aprendizado e no retorno que a sociedade pode adquirir, pois será desde já uma sociedade desigual, onde uns sabem mais, por ter oportunidades, e outros menos.

Objetivando reforçar essa compreensão, faz-se necessário tecer uma crítica sobre a sociedade. A partir de então, conhecer a realidade, para somente depois pensar em como contribuir para a edificação da mesma. Com o propósito de partilhar uns com os outros os saberes, que são adquiridos gratuitamente, estes podem ser colocados à disposição para que outros possam por meio de exemplos e ações, perpetuar essa corrente de multiplicação dos conhecimentos, sem exigências, nem frustrações ou obrigações. É preciso desapegar-se da estrutura institucional e acreditar no novo; acreditar que a aprendizagem acontece em todos os lugares e sob diversos aspectos e das mais diversas formas. Com esse pensamento Illich explicita que:

> A criança se desenvolve num mundo de coisas, rodeada por pessoas que lhe servem de modelo das habilidades e valores. Encontra colegas que a desafiam a interrogar, competir, cooperar e compreender; e, se a criança tiver sorte, estará exposta a confrontações e críticas feitas por um adulto experiente e que realmente se interessa por sua formação (ILLICH, 1973, p. 129).

Por conseguinte, é dessa maneira que acontece a formação. A partir do contato com as pessoas, com os colegas e por meio dos desafios cotidianos que o educando é obrigado a enfrentar, afinal de contas, isso faz parte do processo formativo e está inserido de forma involuntária na vida de cada pessoa. É por meio do encontro, do diálogo, da partilha de experiências e da vivência cotidiana que acontece a formação e a preparação para a vida em todos os aspectos.

Para melhor atingir os objetivos e obter resultados que sejam duradouros Illich diz que "o que é preciso são novas redes, imediatamente disponíveis ao público em geral e elaboradas de forma a darem igual oportunidade para a aprendizagem e o ensino" (ILLICH, 1973, p. 130).

Ainda a respeito dos meios para obter bons resultados na preparação do educando, Illich coloca que:

> certificado [...] Haverá em abundância pessoas que saibam demonstrar habilidades se aprendermos a reconhecê-las fora da profissão de ensinar (ILLICH, 1973, p. 146).

As habilidades de ensinar estão presas a um certificado adquirido com tanto esforço e em muitos casos pelo simples fato de no futuro servir de modelo para outras pessoas o adquirir, porque sem ele nenhuma habilidade é considerada válida para o mercado de trabalho. Portanto:

> Os certificados tendem a abolir a liberdade de educação, convertendo o direito civil de partilhar um conhecimento em privilégio da liberdade acadêmica, conferido apenas aos empregados das escolas. Para garantir acesso a um efetivo intercâmbio de habilidades, precisamos de uma legislação que generalize a liberdade acadêmica. O direito de ensinar qualquer habilidade deveria cair sob a proteção da liberdade de falar. Uma vez removidas as restrições do ensino, serão também e logo removidas da aprendizagem (ILLICH, 1973, p. 148).

Para haver uma troca de habilidades, é preciso que uma pessoa se disponibilize a compartilhar suas mais diversas habilidades desde as mais simples, como falar, até as mais complexas, como dirigir. Assim, há uma aprendizagem rápida e de qualidade, havendo uma troca de informações ou habilidades se comparada com aquela aprendizagem forçada. Por isso, a educação, além de estar voltada para os homens deve ser construída por eles.

Para uma maior aprendizagem, em que as pessoas compartilhem interesses em comum, Illich pensou no encontro de parceiros, beneficiando igualmente a todos que participarem. Pena que isso não seja algo que aconteça com frequência nas escolas, pois nem sempre os professores procuram conhecer os interesses em comum dos seus alunos, para desenvolver um bom trabalho.

> A facilidade de encontro de parceiros deveria ser tão grande para os que desejam reunir pessoas, como o sino do povoado que, a um simples chamado, reúne os moradores para o conselho. Os prédios escolares — de duvidoso valor para conversão em outros usos — poderiam muitas vezes prestar-se a esta finalidade (ILLICH, 1973, p. 154).

Há uma grande facilidade de promover esses encontros até mesmo porque acontecem livremente sem nenhuma obrigação e abordam temas que interessam a todos os participantes. Portanto,

> desescolarizar significa abolir o poder de uma pessoa de obrigar outra a freqüentar uma reunião. Também significa o direito de qualquer pessoa, de qualquer idade ou sexo, convocar uma reunião (ILLICH, 1973, p. 153).

Além do mais, enquanto em uma sociedade escolarizada que valoriza o diploma emitido por uma instituição:

> Numa sociedade desescolarizada, os profissionais já não poderão exigir a confiança de seus clientes, baseados em seu diploma, ou confirmar sua reputação remetendo simplesmente seus clientes a outros profissionais que certifiquem a escolarização dos primeiros (ILLICH, 1973, p. 157).

Dando continuidade aos instrumentos que facilitam a aprendizagem do educando, Illich menciona os Educadores profissionais. A ideia base, segundo Illich (1973, p.158) é a de que se os cidadãos dispusessem de possibilidades de escolha da sua instrução quando necessário aumentaria a procura de especialistas nas áreas de seus interesses. Desta forma, a educação desescolarizada vai contribuir para dinamizar a procura de indivíduos possuidores de uma competência prática, assegurando a sua independência e, logo, a sua credibilidade.

Dentre as competências praticas educativas necessárias ao funcionamento das redes, Illich faz menção aos administradores educacionais que são responsáveis de colocar em funcionamento as redes de conviviabilidade, garantindo o sucesso daqueles optarem pelo método, os conselheiros pedagogos, responsáveis pela orientação do educando e também dos seus pais na utilização das redes,para de uma maneira simples e apropriada alcancem os objetivos propostos pelo novo método das redes de conviviabilidade, e o papel de iniciador educativo ou líder educacional que auxilia o educando no desenvolvimento de suas habilidades educacionais ou intelectuais.

> Enquanto os administradores das redes estarão voltados, sobretudo em assegurar aos estudantes as vias de acesso aos recursos educativos, o pedagogo ajudara o estudante a encontrar o caminho que mais rapidamente o levará à meta. Se um estudante quisesse aprender cantonês com um vizinho chinês, o pedagogo estaria pronto a julgar a eficiência de ambos, ajudá-los a escolher o livro texto e os métodos mais indicados a seus talentos, caráter e tempo disponível para estudo. [...] Tanto o administrador da rede, quanto o conselheiro pedagógico devem considerar-se educadores profissionais. [...] O papel de iniciador ou líder educacional, do mestre ou do "verdadeiro" líder, é algo mais indefinível [...]. Na prática alguém é um líder se as pessoas seguirem suas iniciativas e tornarem-se aprendizes de suas progressivas descobertas (IIIICH, 1973, p.161).

Segundo Illich:

> Pode-se distinguir, de fato, três tipos de competência educativa especial: criar e manejar as espécies de intercâmbios educacionais ou redes aqui descritos; orientar estudantes e pais no uso dessas redes; agir como primos inter pares ao empreender jornadas exploratórias intelectualmente difíceis. Somente os dois primeiros podem ser concebidos como ramos de uma profissão independente: administradores educacionais e conselheiros pedagógicos. Para planejar e manejar as redes que descrevi antes não são necessárias muitas pessoas, mas isto requer pessoas com a mais profunda compreensão de educação e administração, numa perspectiva bem diferente e mesmo oposta à das escolas (ILLICH, 1973, p. 159).

A educação, do ponto de vista de Illich, se tornará mais acessível e com menos cobranças e mais aprendizado. Mesmo não estando em sala de aula de uma instituição escolar, mas o autor destaca a importância do administrador educacional e da pessoa do pedagogo, que fará a orientação, quando for solicitado. Para finalizar seu pensamento a esse respeito, Illich comenta que:

> Nossa revisão das instituições educacionais leva a uma revisão da imagem que temos do homem. As criaturas de que necessitam as escolas como clientes não têm autonomia nem motivação para se desenvolverem por si mesmas (ILLICH, 1973, p. 166).

Dessa forma, o homem encontra-se sempre dependente, nos mais variados aspectos de sua vida, seja emocional, social e, acima de tudo, intelectual. Logo essas instituições educacionais são responsáveis por muitos males que atingem a sociedade atual, e que por meio das redes de conviviabilidade, o encontro de parceiros, dentre outros meios de se adquirir conhecimento propostas por Illich, a sociedade, enfim, poderá viver tranquila.

CONCLUSÃO.

A proposta neste trabalho foi fazer um estudo das tendências filosóficas da educação, baseada no pensamento de Luckesi, que apresenta a educação como redentora, reprodutora e transformadora da sociedade. Isso serviu para introduzir o que foi trabalhado ao longo dos capítulos, seguindo o pensamento de Paulo Freire e Ivan Illich, no tocante às suas críticas ao sistema educacional e escolar, como também suas contribuições por meio de propostas, que se fundamentam em uma educação não-formal.

Propôs-se também, demonstrar uma solução, ou um meio pelo qual o ser humano deixaria de ser alienado ou alienador e vivesse em um contexto, uma nova realidade social, livre, emancipatória, participativa e solidária onde existe o saber partilhado em que se leva em consideração a vida e a vivencia familiar e sociocultural do aluno como um todo.

Em face do exposto no decorrer do trabalho, refletiu-se por uma educação problematizadora, baseada no diálogo, tendo como instrumento do método proposto por Freire, os "Círculos de Cultura" que estão em contraposição à "educação bancária" onde nela os alunos só recebem as informações, sem o direito de questioná-las ou vivê-las de acordo com sua realidade.

Com base no pensamento de Freire, preocupado em fazer da educação um meio de construção participativa de conhecimento, e não de mera recepção do que já está pronto e acabado e não se poder questionar, é que Illich surge com suas críticas ao sistema escolar capitalista e consumista. Portanto, ele a inexistência da instituição escolar, que são vistas como único meio pelo qual alguém pode ser instruído corretamente e de fato. Para substituir as escolas, ele propõe redes de conviviabilidade, onde os educandos podem, se necessário, ter acesso a facilidades como: serviços de consulta aos meios educacionais, encontro de colegas,

intercâmbio de habilidades e consulta a educadores que contribuirão quando solicitados.

Freire e Illich têm em comum a crítica que fazem à forma de educação que aliena, domina e paralisa o ser humano e suas relações com o meio social em que vive. Tornando-o mero instrumento que deve servir às exigências da mesma sociedade na qual ele vive, ou em outro mundo totalmente diferente do seu. Ambos propõem meios de como adquirir uma nova sociedade por meio de uma nova educação que forma pessoas autônomas, motivadoras, criativas e comprometidas em mudar a sua realidade e a do outro. Os dois pensadores estavam sensibilizados com aqueles que estavam condenados a estar subordinados a alguém ou a uma classe que disseminava os seus interesses.

Apesar de diversos pontos serem compartilhados pelos dois pensadores, entre os mesmos também se apresentam algumas divergências. Com relação às mesmas, pode-se elucidar que embora Paulo Freire acredita em uma mudança a partir das escolas, estas precisariam ser repensadas e colocadas à disposição de todos e com os mesmos objetivos. O mesmo valoriza a escola, como sendo um espaço importante para a transformação da sociedade.

Por outro lado, Illich se contrapõe ao pensamento de Paulo Freire. Certamente, Illich não acredita que a escola possa contribuir para se adquirir conhecimento e construir uma sociedade justa e habitável. Pois a escola é um meio de opressão, de cultivo de desigualdade, alienação, pois ela se faz em torno de mitos impraticáveis, valoriza a regra, a prova do conhecimento por meio de testes. Por sua vez, a escola já criou tantos conflitos nas pessoas, gerando competitividade, exclusão, busca pelo prazer de estar sempre em destaque, desigualdade de saberes, estímulo a baixa autoestima. Por essas razoes e outras, é que o mesmo propõe uma desescolarização da sociedade.

Neste trabalho foram abordados os temas sobre escola, educação, sociedade, para mostrar que embora sejam feitas várias críticas e propostas ao sistema escolar e à educação, ainda tem muito a ser feito no campo educacional, tendo em vista uma nova educação para uma nova sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

EBERT, Síntia Lúcia Faé. A leitura no mundo alfabetizado de jovens e adultos, IN: FREITAS, Ana Lúcia Sousa de. (orgs). **Leituras de Paulo Freire**: na partilha de experiências. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. P. 98 a 99.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos, et al. 4. ed. rev. e ampl. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: editora UNESP, 2000.

_____. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. 3 ed. São Paulo, Moraes, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia crítica**: alternativas de mudanças. 19.ed. Porto Alegre: Mundo Jovem. 1989.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**; trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1973.

LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1994.

MARIANI, Fábio. Um inesperado encontro. IN: FREITAS, Ana Lúcia Sousa de. (orgs). **Leituras de Paulo Freire**: na partilha de experiências. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 89 a 90.

PAVIANI, Jayme. **Problemas de filosofia da educação**. 3ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **"Emilio - ou da educação"**. São Paulo: Martins Fontes, Col. Paidéia, 1995.

SANTOS, L. P. 1997. Educação Básica. Currículo e formação de professores. In: GUZZO, Valdemir. A reflexão filosófica na educação. **Unirevista**, Caxias do Sul, Vol. 1, n. 2, abr. 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 13. ed. São Paulo: Autores associados, 2000.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Filosofia da educação**: mímeses e razão comunicativa. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.